

ALGUMAS OBSERVAÇÕES
ACÊRCA DA INFLUÊNCIA DO INGLÊS
NO PORTUGUÊS E DO MAIOR VEÍCULO DELA
— O FRANCÊS

I
Os inglesismos no português estão longe de ser excessivamente abundantes: o número dos vocábulos ingleses, intactos ou aportuguesados, em uso entre nós, é inferior, não já ao dos galicismos e espanholismos, mas ao dos italianismos — o que se explica, menos pela diversidade da família lingüística próxima, românica no caso do português, germânica no caso do inglês, que pela distância a que o nosso país se encontra da Inglaterra e pelas frustras e fugazes relações intellectuais que com ela temos tido. Isso não significa no entanto que a influência da lingua inglesa sobre a portuguesa não esteja requerendo um estudo sistemático — e para o qual esperamos que o presente trabalho, apesar da sua insuficiência e modéstia, possa servir de contribuição.

Não exercendo o inglês sobre o português uma influência quantitativamente tão vasta como as três principais linguas românicas, a verdade é que nem por isso ela deixa de realizar-se nos principais domínios lingüísticos: há, além da mera influência lexicológica, influência gramatical, e esta, se não

tão rica de aspectos e de factos como a do francês — que é enorme em todos os campos: fonético, mórfico, sintáctico e semântico — não menor todavia que a espanhola e maior mesmo que a italiana, só, por assim dizer, vocabular.

Os anglicismos vêm para o português por via directa ou interposta. A via interposta é o francês, como facilmente se deduz do exame de palavras originariamente anglicanas como *bébé*, *rosbife*, *contradança*, que a nós chegaram na forma que lhes imprimiu o país de trânsito.

Bébé, a que Cândido de Figueiredo no seu *Dicionário* dá por étimo imediato o inglês *baby*, não vem directamente d'este vocábulo, mas do francês *bébé*, que naquele assenta. E tanto assim é, que ao lado dessa forma de segunda mão, há entre nós também a imediata — *baby*, pronunciado à inglesa com ritmo grave — *beibi*, e *bàbí*, termo aportuguesado, de ritmo agudo. *Baby* encontra-se, por exemplo, neste passo dos *Contos*, de Fialho de Almeida: «Albertina falava baixinho, como receando acordar o *baby*» (1).

Com *rosbife* deu-se o mesmo: não provém directamente do inglês *roast beef*, mas do francês *rosbif*, e tanto que o *Dicionário* de Domingos Vieira, que aliás lhe atribue erradamente essa origem imediata, o regista na forma francesa. *Contradança* então é caso flagrantíssimo: não assenta no inglês *country-danse*, mas na forma francesa *contre danse*, que é nacionalização, por etimologia popular, da forma inglesa. As marcas d'este espécime coreográfico, sendo entre nós francesas, provam bem qual foi o veículo do vocábulo, como notou o sr. Dr. Leite de Vasconcelos nas suas *Lições de Filologia Portuguesa* (2), comentando a explicação de Cândido de Figueiredo, que inda está na última edição do seu *Dicionário*, e atribue ao vocábulo formação portuguesa — *contra*

(1) Lisboa, 1922, pág. 333.

(2) Lisboa, 2.ª ed., pág. 207.

mais *dança*, semelhantemente em tudo ao que fêz Littré para a forma francesa *contre-danse*. E de que êste dicionarista francês — onde Cândido de Figueiredo foi beber — andou mal avisadamente, dando a contradansa étimo diferente do inglês *country-danse*, é prova, por exemplo, êste passo, em que Hamilton, nas *Mémoires du Comte de Grammont*, diz, significando que se trocaram as dansas francesas pelas dansas nacionais, *country-danses*: «On quitta les danses françaises pour se mettre aux contredanses» (4).

Muitos outros factos há, porém, demonstrativos de que o francês é o veículo normal do anglicismo no português. Virão a seu tempo, nos logares que lhes são próprios, no plano dêste trabalho. Por agora só mais os dois seguintes:

Primeiro — o empregarem-se as formas francesas, que não as inglesas, de certos vocábulos. Tal o caso de *truc*, que a Academia Francesa admitiu nesta forma em 1878, mas que se grafa *truck* no inglês originário. Também escrevemos *rhum* à francesa, isto é, com um *h* que não tem no inglês, onde é *rum*. O *h* francês deve provir talvez do contágio de outras formas que o possuem depois do *r* inicial — casos de *rhubarbe*, *rhumatisme*, e principalmente de *rhume*, muito próximo gráficamente.

Ainda em *raout* empregamos a forma francesa, forma esta que, querendo representar a pronúncia inglesa, não é aliás a melhor dêsse país, que tem também *rout*, idêntica à inglesa, e até històricamente justificável por ser do francês antigo *route* que o têrmo ânglico afinal provém.

Segundo — o serem na origem anglicismos muitos dos nossos próprios francesismos. Tal o caso, por exemplo, de *comité*, do inglês *committee*, e de *boxeur* — que é substantivo formado do verbo ânglico *to box*, e é neologismo de

(4) Em Émile Deschanel — *Les déformations de la langue française*, Paris, 1898, pág. 237.

mais *dança*, semelhantemente em tudo ao que fêz Littré para a forma francesa *contre-danse*. E de que êste dicionarista francês — onde Cândido de Figueiredo foi beber — andou mal avisadamente, dando a contradansa étimo diferente do inglês *country-danse*, é prova, por exemplo, êste passo, em que Hamilton, nas *Mémoires du Comte de Grammont*, diz, significando que se trocaram as dansas francesas pelas dansas nacionais, *country-danses*: «On quitta les danses françaises pour se mettre aux contredanses» (4).

Muitos outros factos há, porém, demonstrativos de que o francês é o veículo normal do anglicismo no português. Virão a seu tempo, nos logares que lhes são próprios, no plano dêste trabalho. Por agora só mais os dois seguintes:

Primeiro — o empregarem-se as formas francesas, que não as inglesas, de certos vocábulos. Tal o caso de *truc*, que a Academia Francesa admitiu nesta forma em 1878, mas que se grafa *truck* no inglês originário. Também escrevemos *rhum* à francesa, isto é, com um *h* que não tem no inglês, onde é *rum*. O *h* francês deve provir talvez do contágio de outras formas que o possuem depois do *r* inicial — casos de *rhubarbe*, *rhumatisme*, e principalmente de *rhume*, muito próximo gráficamente.

Ainda em *raout* empregamos a forma francesa, forma esta que, querendo representar a pronúncia inglesa, não é aliás a melhor dêsse país, que tem também *rout*, idêntica à inglesa, e até históricamente justificável por ser do francês antigo *route* que o termo ânglico afinal provém.

Segundo — o serem na origem anglicismos muitos dos nossos próprios francesismos. Tal o caso, por exemplo, de *comité*, do inglês *committee*, e de *boxeur* — que é substantivo formado do verbo ânglico *to box*, e é neologismo de

(4) Em Émile Deschanel — *Les déformations de la langue française*, Paris, 1898, pág. 237.

sanção quasi secular, visto tê-lo a Academia Francesa admitido em 1835.

Por vezes o francês exorbita do seu papel de intermediário — para fazer para nós, com prejuízo da denominação tradicional de base inglesa, exportação directa. Tal o caso em que fez com que trocássemos em seu beneficio, os nomes de *Canal Inglês* e *Canal de Inglaterra*, que nós outrora dávamos muito apropriadamente ao *English Channel*, pela denominação *Mar da Mancha*, com aportuguesamento do francês *manche* — e que a convergência com o nosso vocábulo *mancha*, significativo de malha ou nódoa, torna particularmente infeliz. Com inteira razão nota o professor Fortunato de Almeida, num artigo denominado *Nomenclatura geográfica*, publicado no *Arquivo Pedagógico* da Escola Normal Superior de Coimbra, e que tem o mérito de ser a um tempo de grande exactidão scientifica e de alto valor patriótico:

«*Canal de Inglaterra* ou *Canal inglês*. Eram estes os nomes por que antigamente se designava o canal que separa a Grã-Bretanha da França e que hoje é mais conhecido por *Mar da Mancha*. *Mancha* é detestável acomodação do francês *Manche*, que significa *manga*, em sentido figurado passagem estreita e comprida. Os ingleses chamam-lhe *English Channel* — canal inglês; os alemães dizem *Der Canal*. Ingleses, franceses e alemães todos dizem bem; nós, aportuguesando o nome francês, dizemos pèssimamente, e por isso convém restabelecer o nome de *Canal de Inglaterra*, usado em Portugal até há menos de um século» (1).

E é natural que a França seja para nós o grande veículo anglico — porque é pela cabeça francesa que geralmente se pensa em Portugal: o francês é a lingua que mais se estuda; livros e jornais são os franceses os que mais se lêem; viagens é a França que principalmente se fazem. Quanto ao

(1) Vol. I, n.º 4, 1927, pág. 396.

inglês, muito embora se estude nas escolas ao lado do francês, é pôsto ao lado do árabe pelo vulgo: *inglesia* ou *ingressia*, *algarvia* ou *aravia* são entre nós sinónimos, com o significado de língua incompreensível, e designando ainda, por evolução semântica natural — ruído, barulho, bulha, alarido, acepções que Adolfo Coelho e Cândido de Figueiredo registaram já nos seus dicionários.

Para efeito cómico é que dalgum modo reçoeremos ao inglês — porém, só à sua mecânica gramatical, que não à língua pròpriamente dita. No teatro empregam-se muitas vezes pronúncias e construções, em que se imitam os naturais da Inglaterra, a mascavarem o nosso idioma com tóda a sorte de sons abstrusos e erros de concordância nominal, pronominal e verbal, como é próprio de um povo que sem esforço realiza a sorridente idea de Eça de Queirós, na *Correspondência de Fradique Mendes*:

«Um homem só deve falar, com impecavel segurança e pureza, a lingua da sua terra: todas as outras as deve falar mal, orgulhosamente mal, com aquele acento chato e falso que denuncia logo o estrangeiro» (1).

A representação da comédia *Falar verdade a mentir*, em que há a caricatura de um anglo-saxão, levou Garrett a notar o facto dêste ser sempre scênicamente provocador de hilariedade e a vislumbrar a causa de tal facto no ser o inglês apenas feito para a Inglaterra. Eis como Garrett registou a sua observação:

«Ora porque será isto — disse eu commigo — donde vem que nos theatros do continente o inglez é hoje um character tão eminentemente cómico, tão popular, tão seguro de fazer rir, desde a plateia às torrinhas, todas as classes da sociedade sem excepção?» (2).

(1) Pôrto, 1915, pág. 154.

(2) *Obras completas* de Almeida Garrett, vol. XXI, Lisboa, 1904, pág. 200.

A contrafeição lingüística que o inglês pratica maravilhosamente — e que maravilhosamente também o teatro aproveita — não passou despercebida a escritores de outras épocas. Filinto Elísio, por exemplo, havia notado o facto neste passo de uma das suas produções:

... Quando muito
Fallaremos latim, como fallava
Entre nós certo Inglez, que muitos annos
Em Lisboa viveo e me dizia,
Mui serio — *Mim quer vai à Rata* — crendo
Que dava um bom puxo na lingua lusa ⁽¹⁾.

E Ramalho Ortigão, no *John Bull*, põe um inglês, comprador dos vinhos do Douro, a dizer também mascavadamente:

«Eu comprar vossemecê quinze soberanos pipa».

Cabe inda notar que ao próprio natural de Inglaterra, quando o não consideramos bebado, — note-se Gil Vicente na tragicomédia *Exortação da guerra*:

É capelão terrantez,
Bom ingrez,
Patriarcha em Ribatejo,
Beberá sobre um cangrejo
As guelas d'hum francez ⁽²⁾.

consideramo-lo exquisito ou arrevesado — note-se Camões nos *Anfitriões*:

Que a trova trigo-tremês
Há-de ser toda de um pano
Que parece muito ingrês
Num pelote português
Todo um quarto castelhano ⁽³⁾.

(1) *Obras completas*, Paris, 1817, pág. 49.

(2) Pôrto, 1887, pág. X.

(3) Hamburgo, II, pág. 355.

Atribue-se mesmo entre nós ao natural da Gran-Bretanha tudo o que é excêntrico. A cada passo aludimos, por exemplo, ao «cavalo do inglês» — que se desabituou de comer, historieta, para a qual o Dr. Cláudio Basto encontrou no livro *Promenades hors de mon jardin*, de Alphonse Karr, um termo de comparação, que é para nós significativo, precisamente porque nêle se não encabeça, como nós fazemos, no inglês, a excentricidade:

«Il me faisait penser à ce cheval d'un avare qui mourut au moment où il commençait à s'habituer à ne plus manger» (1).

Ora vem a propósito dizer que a França é por sua vez o país sôbre o qual a Inglaterra mais influe: pela sua importância política, industrial e comercial, pela grandeza das suas instituições liberais, pela enorme actividade desportiva a que se entrega, a Gran-Bretanha exerce sôbre o mundo em geral, mas sôbre a convizinha França em particular, influência notável — que tem naturalmente o seu reflexo filológico na adopção de muitos vocábulos e construções inglesas. É efectivamente ao idioma britânico que o francês hoje vai principalmente fornecer-se — o que tem provocado protestos mais ou menos enérgicos. Béranger disse:

Redoutons l'anglomanie,
Elle a déjà gâté tout (2).

Neste país mesmo a importação inglesa tem tradições mais longínquas que em português. Já Boisy, na comédia

(1) *Lusa*, II, pág. 37.

(2) Em Nyrop, *Grammaire historique de la langue française*, I, § 76.

Frivolité, havia satirizado a anglomania, que levava os franceses a porem Shakespeare acima de Corneille:

Son transport l'autre jour était l'anglomanie;
Rien sans l'habit anglais ne pouvait réussir;
Au dessus de Corneille il mettait Shakespir (1).

Estes protestos contra a anglicização surdem às vezes mesmo inesperadamente, quasi a despropósito — o que prova que tal facto criou fundas antipatias nos espiritos conservadores ou nacionalistas. Na comédia de Musset — *Il ne faut jurer de rien*, Van Buck indigna-se contra o anglicismo *fashionable* que pronunciara num diálogo com o sobrinho Valentin:

«Il te sied bien de faire le fashionable (que le diable soit des mots anglais) quand tu ne peux pas payer ton tailleur» (2).

A Inglaterra desempenha em relação à França o mesmo papel que esta última nação desempenha em relação a nós: o maior número de importações francesas é inglêz, como o maior número de importações portuguesas é francês. E assim Viennet, lendo em 1855, numa sessão solene do Instituto de França, a famosa *Epistola a Boileau*, e insurgindo-se contra a invasão ânglica, não faz senão repetir o que entre nós havia feito Filinto Elisio numa carta contra a invasão gálica. E, para o verificar, basta um rápido cotejo. Viennet protesta:

On n'entend que des mots à déchirer le fer:
Le *railway*, le *tunnel*, le *ballast*, le *tender*,
Express, *trucks* et *wagons*; une bouche française
Semble broyer du verre ou mâcher de la braise.

(1) Em Nyrop, *Grammaire historique de la langue française*, I, § 66.

(2) Col. *Les meilleurs auteurs classiques*, II, pág. 63.

E noutro passo clama:

Faut-il pour cimenter un merveilleux accord
Changer l'arène en *turf* et le plaisir en *sport*?
Demander a des *clubs* l'aimable causerie?
Flétrir du nom de *grooms* nos valets d'écurie,
Traiter nos cavaliers de *gentlemen-riders*?
Et de Racine enfin parodiant les vers,
Montrer au lieu de Phèdre une bonne anglaise
Qui, dans un *handicap* ou dans un *steeple-chaise*,
Suit de l'oeil un *wagon* de *sportsmen* escorté
Et fuyant sur le *turf* par un *truck* importé? (1).

E Filinto Elísio havia escrito contra os pedantes e casquilhos que malsinam a língua:

E os mais com pelas de francez conduta,
De *afferes*, *rango*, *massacrar*, *ressortes*,
Egídio, *populácea*, e eguaes remendos
De mal alinhavada francezia (2).

Neste passo do mesmo autor um peralta explica porque torce as falas à francesa:

Lemos livros de fita, e é nesses livros
Que nós *puisamos* o falar à moda,
No mais *charmante* tom, mais *seduisante* (3).

E nestoutro o mesmo peralvilho galipalreiro diz ridículamente:

Eloquencia, Monsieur, tem alto *rango*
É o *affaire* do dia, os meus *élèves*
Bellos espritos, *chefes do bom gosto*,
Tem dado à linguagem taes *nuanças*,
Que nunca em *golpe de olho* *remarcarão*
Os antigos na *affrosa* obscuridade (4).

(1) Em Nyrop., obra cit. I, § 75.

(2) Obras completas, I, Paris 1817, pág. 29.

(3) Ibidem, pág. 63.

(4) Ibidem, pág. 64.

Tanto o francês é a via ordinária de recepção do anglicismo que os escritores — inda os mais puristas e cultos — confundem muitas vezes êste com o galicismo.

Dois exemplos apenas: Castilho notou a respeito de *confortável* — que é anglicismo semântico, embora vindo através do francês:

«No sentido de agasalho, cómodos ou aconchego é galicismo censuravel a-pesar-de já ir lavrando muito. Introduziu-o Garrett, deslembado de que tínhamos de casa um equivalente» (1).

E Camilo Castelo Branco, nas *Noites de insómnia*, considera *desapontamento* francesismo, quando é aliás um dos poucos anglicismos que nos devem ter vindo directamente:

«*Nariz de palmo e meio* — imagem que exprime a embaçadela — ou, á franceza — o desapontamento» (2).

Já Garrett achou tão íntima a aliança do francês e do inglês no domínio da moda que criou para a expressar o vocábulo *anglogala*, que emprega neste passo de um prefácio a certa xácara do *Romanceiro*:

«Enredadora, invejosa, má-língua, sogra emfim, sogra estreme, e puro sangue — como em estilo cigano do Jockey-club manda a moda anglogalla que hoje se diga — a sogra excita com dicterios e mentiras a bruteza estúpida de seu filho» (3).

Também alguma coisa nos vem no domínio lingüístico directamente do inglês — já por via culta, já por via popular.

O que nos chega por via culta é relativamente pouco, como facilmente verificará quem faça as listas dos termos ingleses encontrados em textos científicos e literários por-

(1) *Arquivo Literário*, tomo V, pág. 39.

(2) N.º 11, pág. 81.

(3) Lisboa, 1904, pág. 27.

tugueses e franceses: quem meter mãos a êsse trabalho não tarda que tenha a impressão de que sendo os anglicismos em voga no mundo culto essencialmente os mesmos nos dois idiomas, deverá ser a França — que não a Inglaterra — a sua immediata exportadora.

Não faltam, no entanto, em português, exemplos de formas ânglicas que não existem em francês, ou aí existem sob diverso aspecto. Um caso do primeiro tipo é *bote*, do inglês *boat*; e um caso do segundo é *paquete*, do primeiro elemento do inglês *packet-boat*, que em francês produziu *paquebot*. O português tem também *paquebote*, hoje termo sem quasi nenhuma vida.

Por via directa popular também vem, senão muito, algo inda assim apreciável: temos anglicismos locais nas nossas ilhas adjacentes, e possuímos, sobretudo no calão lisboeta, um certo número de vozes anglicanas, devidas especialmente ao contacto dos nossos marinheiros e estivadores com os embarcadichos ingleses, e com a guarnição dos navios da armada britânica, que na Monarquia constitucional mais que na República, freqüentava as nossas águas e portos.

Há na importação do inglês, directa e indirecta, como na de qualquer outro idioma, absurdos e abusos — que ao filólogo compete pôr em evidência, sem ter no entanto a pretensão de fazer parar um movimento na essência natural e legítimo. O estrangeirismo será, como querem os puristas, um mal: mas é um mal sempre incurável, e por ventura de algum modo necessário. Não se pode condenar o têrmo importado, ao menos naqueles casos em que traduz enriquecimento da língua — tais os dos anglicismos *cheque*, *pudim*, *horsa*, *lugre* — porque êle é o representante de uma idea órfã de palavra indigena tituladora, e o aceitá-lo não representa senão por vezes mesmo uma homenagem de gratidão, absolutamente devida aos que com as suas criações espirituais ou materiais procuram elevar a cifra do progresso hu-

mano. Mesmo nos casos em que o estrangeirismo parece, não empobrecedor do idioma, porque de facto não empobrece nunca, aviltador ou desprezador das galas dêle — tais os dos inglesismos *reporter*, que quasi matou entre nós *noticiarista* e *informador*, como no francês matou *nouvelliste*, que significava o mesmo, e *sleepingcar*, importação supérflua, porquanto o seu conteúdo se traduz perfeitamente em português pelo composto apositivo *carruagem-cama*, como no francês por *voiture-lit*, no espanhol por *coche-cama*, e no italiano por *vettura-letto* — é difícil uma condenação absoluta, visto como no primeiro caso o anglicismo veio corresponder àquele anseio — aliás tão natural em megalómanos como os portugueses — de aristocratizar a profissão exercida, e no segundo veio possibilitar a manifestação de um requinte mundano. O recurso ao estrangeirismo não é efectivamente mais muitas vezes que uma maneira de dar, às pessoas que o empregam ou às coisas que êle significa, uma elegância e distinção de que os termos da língua nacional, só porque são empregados por toda a gente, não logram, ao menos perante certa roda fútil, senão pàlidamente colori-las.

A circunstância de explicarmos e justificarmos a adopção do estrangeirismo em todos estes casos, não quer no entanto dizer que pessoalmente a perfilhemos sempre: por nós, por exemplo, sacrificamos de bom grado o verniz de distinção que em tantos casos êle dá às pessoas e às coisas para lançarmos mão do vocábulo tradicional: inda que *toast* seja mais elegante que brinde, *clown* mais fino que palhaço, *steamer* mais aprimorado que vapor, procuramos beber pelo nosso pequeno copo a linfa pura colhida nas fontes vernáculas — aliás muito mais fecundas e vivas que se supõe, principalmente nos aspectos depreciativos ou caricaturais.

A penetrante visão popular vai — e mesmo no campo do mundanismo, tão ávido de renovação — produzindo denominações assinaladoras de inúmeros matizes e variedades.

Repare-se, por exemplo, na maneira como ela surpreende os matizes do janotismo, tendo, para a espécie de cada dia, um termo particular que a foca como que picturalmente: enquanto o culto para designar o janota se serve do termo inglês *dandy*, que apenas dá a impressão do requinte da personagem, o povo assinala as pejorativas modalidades dela com vocábulos variados, tais como: *adelaidinha*, formação metonímica semelhante a *maricas*; *pãozinho*, que lembra semanticamente o apodo *alfacinha*, dado aos lisboetas pela sua delicadeza de corpo e de maneiras, e o *papo-seco*, nome que talvez na origem designe o indivíduo que não bebe — o acto de não beber (entendem-se licores alcoólicos) sendo considerado neste país de beverões como uma manifestação de desvirilidade ou de afeminamento.

Já a propósito do anglicismo mundano *snob*, Gonçalves Viana havia manifestado a idea de que o povo sabe classificar com termos portuguezes tôdas as modalidades ridículas que se escondem por detrás do termo britânico. Dissertando acérca de *papelão* nas *Apostilas aos Dicionários Portuguezes*, diz: «Fora da linguagem cénica, *papelão*, em sentido figurado, designa o que por outras palavras se denomina *parlapatão*, *paparrotão*, *paspalho*, *papa-fina*, etc., e modernamente se diz *snob*, à inglesa; sem maior necessidade, pois ainda que muito abundantes por cá os sujeitos dêste feitio, o povo tem sabido inventar, como se vê, nomes para tôdas as espécies em que o género se reparte, e tôdas as modalidades ridículas e incómodas do grotesco tipo, tão primorosa e sarcásticamente descritas por Guilherme Thackeray, na sua conhecida obra *The book of Snobs*» ⁽¹⁾.

No entanto o estrangeirismo desnecessário é às vezes empregado pelos escritores mais sedentos de vernaculidade, talvez só para mostrarem que não desconhecem as leis da

⁽¹⁾ Lisboa, 1906, II, pág. 224.

moda lingüística — se bem que muitas vezes, quando o fazem, procurem mostrar — e nisto vai de algum modo um protesto contra a moda e um pedido de perdão para a falta cometida — que não ignoram igualmente a forma portuguesa correspondente. Um exemplo está no seguinte passo da *Boemia do Espírito*, de Camilo Castelo Branco — e em que este escritor, havendo empregado o anglicismo intacto *toast*, se não esquece de pouco depois reproduzir a mesma idea pelo vocábulo português tradutor-*brinde*:

«Dava jantares aos rapazes da alta linha, a colmêa do Marrare do Chiado, parte dos quaes ainda vive mais ou menos pintada; e, feito o último brinde, quebrava a louça do *toast*, voltando a meza como quem ergue a tampa de um bahu» (1).

A introdução de anglicismos no português faz-se em variados domínios. Apontaremos os principais:

1) A indústria — muito especialmente a dos transportes, em que aparecem correntemente inglesismos intactos, como *break*, *dog-cart*, *rail*, *sleeping-car*, *tender*, *tilbury*, *tramway*; e palavras anglicanas aportuguesadas, como *expresso*, *túnel*, *vagão*, provenientes respectivamente de *express*, *tunnel*, e *wagon*.

2) O comércio — nos seus vários aspectos e campos, possui anglicismos intactos, como *stock*, *drawback* e anglicismos aportuguesados, como *cheque* e *actuario* de *check* e *actuary*.

3) O desporto — nas suas várias modalidades, apresenta anglicismos incólumes, como *cricket*, *lawn-tennis*, *jockey*, *match* e anglicismos adaptados, como *revólver*, *futebol*, de *revolver* e *foot-ball*.

4) A marinha — em que há, como é natural, dada a circunstância da Inglaterra ser a detentora da maior armada do

(1) Pôrto, 1886, pág. 11.

mundo, bastantes vocábulos ânglicos, uns intactos como *steamer*, outros aportuguesados como *hiate*, de *yacht*, *doca* de *dock*, *gurupês*, de *bow-sprit*.

5) A politica — em que há também bastantes vocábulos ingleses, usados no geral intactamente, como é o caso de *leader*, *speaker*.

6) O direito — em que aparecem inglesismos intactos, como *bill*, e adaptados, como *juri*.

7) O jornalismo — com anglicismos, como *interview*, *reporter*.

8) A vida social — em que há bastantes termos ingleses intactos, como *lock-out*, *meeting*, *speech*, *toast*.

9) O mundanismo — em que há inúmeros anglicismos, no geral intactos, tais como *clubman*, *dancing*, *garden-party*, *footing*, *raout*, *select*, *smart*.

10) O teatro e a dança — com vocábulos ânglicos intactos, como *clown*, *girl*, *music-hall* e *cake-walk*, *fox-trot*, *one step*.

11) A culinária — em que há abundantes anglicismos intactos e adaptados, como *coke*, *pickles*, *punch*, e *bife*, de *beef*, *lanche*, de *lunch*, *pudim*, de *pudding*, *queque* de *cake*.

12) O vestuário — em que são correntes anglicismos incólumes, como *smoking*, *water-proof* e aportuguesados, como *oxeforde*, de *Oxford*, *cheviote* de *Cheviot* — ambos nomes próprios em inglês, o primeiro da cidade fabricante, o segundo das montanhas povoadas pelos carneiros produtores da lã de que o tecido se faz.

13) As sciências — e nas de campo subjectivo, como nas de campo objectivo. A psicologia experimental, por exemplo, usa da palavra *test*, para traduzir uma prova de exame hoje escolarmente imprescindível; a agronomia, por exemplo, usa do termo composto *dry-farming* para significar o que entre nós pode chamar-se *cultura de sequeiro*; e a geografia adoptou *iceberg* para designar a montanha flutuante de caramelo. Podia notar-se que por vezes os nomes ânglicos que topamos

no mundo científico são derivações de nomes próprios pessoais e locativos, feitos por meio de sufixos técnicos especiais. Tal o caso de *widdringtonia*, de *Widdrington*, termo botânico designador de certo género de coníferas, e *warwite*, de *Warwick*, termo mineralógico designador de certa variedade de óxido de manganés.

É claro que mesmo fora destes domínios o anglicismo é encontrável: um caso está em *detective*, palavra do campo policial, e outro em *water-closet*, vocábulo do campo da decência. Ele surge em tôdas as formas da actividade humana, como em todos os ambientes sociais: na vida lícita e honesta — caso de *bar*, *groom*, como na indigna e ilegítima — caso de *pick-pocket*, *truck*; nas esferas sociais elevadas — caso de *baby*, *spleen*, como no populacho de viela — caso das adaptações *naifa* e *chumeco*, respectivamente de *knife* e *shoemaker*, que são correntes na língua verde de Lisboa.

(Continua).

João da Silva Correia.